



ISSO SIM É SACANAGEM: Obscenidade nas Histórias em Quadrinhos de Sérgio Bonson

VIRGINIA BROERING¹

Sérgio Luiz de Castro Bonson nasceu em Florianópolis - SC em 13 de novembro de 1949. Bonson, como ficou conhecido por suas obras, era historiador de formação, graduou-se na Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC] no ano de 1972. Ainda que historiador de formação o trabalho com as artes tornou mais plausível definir sua atuação como um artista do que como um historiador. Como autodidata ele desenvolveu habilidades de chargista, cartunista, desenhista, aquarelista, caricaturista e artista plástico (PETRY, 2011, p.10).

Na década de 1970 o artista iniciou sua carreira como chargista no jornal O Estado com sede na capital de Santa Catarina, onde iria trabalhar formalmente até metade da década de 1980. Seus trabalhos referentes às Expressões Gráficas de Humor foram compilados nos Livros: “Waldirene, a AM” (1987), “Tudo pelo Soizial” (1990), e “Bonson sem censura: inticando com os reis do nhém nhém nhém” (1996). Bonson faleceu em 08 de Dezembro de 2005, na cidade onde nascera, Florianópolis.

Em sua trajetória como artista, torna-se evidente a maneira como a cidade falava a Bonson. Não havia cidade que ele conhecesse melhor do que Florianópolis. Ele retratava os lugares, os hábitos, os/as moradores/as, o cotidiano florianopolitano. Não era incomum encontrá-lo sentado nas calçadas do centro da cidade acompanhado de suas aquarelas e telas. Bonson foi um artista que retratou a cidade para a cidade.

Bonson contribuiu, com isso, nas diversas facetas de sua arte, para a criação de uma Florianópolis feita de personagens que circulavam entre o real e o fictício, feita de estereótipos e de falas rimadas. O artista retratava sua cidade, de forma ousada, através do humor e da crítica. Bonson pintava e escrevia aquilo que observava, vivia e testemunhava. O contato com a sua obra mostra como o seu trabalho era influenciado pelo cotidiano da capital catarinense.

Neste trabalho analiso a produção de Bonson voltada apenas para as Histórias em Quadrinhos. Estas foram publicadas no jornal O Estado e hoje se encontram reunidas nos livros já mencionados acima. Este artigo busca apresentar ao/a leitor/a uma breve e inicial apresentação do tema e também das HQ's de Bonson. A análise se dá exclusivamente a partir da seleção previamente organizada e compilada nos dois livros e dessa forma, propicia uma

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



análise das Histórias em Quadrinhos isoladas de um contexto tanto cultural quanto do próprio jornal.

São recorrentes as cenas em que a sexualidade invade a rotina das personagens de Bonson mostrando que esta esfera é parte intrínseca do cotidiano. Não obstante a presença da sexualidade, pareceu-me que a obscenidade não se apresentava como objetivo principal dos quadrinhos. Quanto mais eu me colocava imersa na leitura das HQ's mais dúvidas surgiam. Por que motivo o quadrinista fez questão de estampar a sexualidade nas páginas de um jornal diário? Ou ainda antes, a obra de Bonson chamava atenção à época, pelo tom sexual que embalava suas personagens? De que maneira a obscenidade é acionada por Bonson? Por que ele optou por abordar a obscenidade dessa forma? Ciente da dificuldade em encontrar respostas para todas as minhas perguntas – em uma pesquisa que começa a dar seus primeiros passos – neste trabalho buscarei responder de que maneira o obsceno aparece nas HQ's de Bonson. Logo, compreender de que forma a obscenidade é suscitada nos enredos das três principais personagens, bem como as ferramentas utilizadas por Bonson para suscitá-la, constitui o objetivo principal desta análise. Para tanto, pareceu-me necessário, inicialmente, fazer um debate a respeito das categorias referentes à sexualidade. Afinal as HQ's de Bonson eram pornográficas, eróticas ou obscenas?

Dos motivos que me levaram a olhar as HQ's de Sérgio Bonson sob o viés da obscenidade foi, sobretudo, o ineditismo do tema o maior desafio que se me apresentou. Até mesmo os estudos a respeito de categorias referentes à sexualidade (obsceno, erótico ou pornográfico) na História são parcos. Foram poucos os historiadores e historiadoras que se aventuraram a escrever uma história sobre obscenidade, erotismo ou pornografia.

A dificuldade acerca do tema foi tratada pelo antropólogo franco-canadense, Bernard Arcand, em livro no qual se propõe a uma antropologia da pornografia. Em sua introdução intitulada Acerca de la dificultad del tema, Arcand introduz o tema principal de seu livro, atentando para as sinuosidades da pornografia como temática teórica:

[...] é certo que quem quer triunfar com um pouco de gloria desde o princípio deve convencer seu auditório da amplitude do perigo que se dispõe a vencer, há de recordar que a pornografia segue sendo um objeto de estudo particularmente difícil e sobre o qual todo investigador arrisca muito (ARCAND, 1999: p. 14, tradução livre).

A pornografia é um tema que, já há algum tempo, tem estado presente em cortes e tribunais de diversos países onde julgamentos sobre produções e práticas ditas pornográficas



estiveram e estão sujeitas às mais variadas avaliações, opiniões, contradições e censura. É importante ressaltar que, não raramente, suportes jurídicos debruçam-se sobre definições referentes a opiniões públicas, pessoais e, às vezes, científicas sobre o que é a pornografia. Não obstante, mesmo o discurso científico – que pressupõe voz autorizada nas sociedades ocidentais – é ainda um campo de muita disputa e imprecisão no que se refere ao tema.

Ciente disso, Arcand indaga: “Como tratar de um tema sobre o qual cada um tem uma opinião socialmente reconhecida como válida e igual a qualquer outra?”. Ou mesmo: “Como evitar maneiras de pensar, juízos já formados e protegidos pela memória seletiva que leva todo leitor a não reter senão o que confirma sua convicção [...]?”. Em continuada reflexão o autor vai adiante: “Como superar a opinião pessoal quando uma parte essencial da tese que se quer defender consiste justamente em afirmar que a pornografia aparece quando se torna socialmente admissível dizer qualquer coisa?” (1991, p. 15, tradução livre).

É importante colocar que muitos/as autores/as utilizam os três termos (pornografia, erotismo e obscenidade) indiscriminadamente. Todavia, mesmo reconhecendo a impossibilidade de se definir o que é a pornografia, Paula Findlen atenta para a necessidade de se registrar a sua história, pois “a falta de uma definição sugere que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar.” (FINDLEN, 1999, p. 54). Segundo a historiadora “a história da pornografia identifica atitudes variáveis em relação aos corpos masculinos e femininos, às práticas sexuais e a suas respectivas representações” (Ibidem, p. 55).

A literatura tem debatido o tema a respeito da definição das categorias relacionadas ao discurso sexual através de uma imprescindível comparação entre erotismo e pornografia. A pornografia é o que o erotismo não é, sendo a recíproca verdadeira. Para Maingueneau a valorização do erotismo permite a condenação da pornografia. Como dito anteriormente, cada uma dessas noções se legitima pela rejeição da outra. Durante muito e ainda nos dias atuais costuma-se encarar o erotismo com superioridade perante a pornografia. Enquanto a pornografia escancara, o erotismo insinua; aquela é o nu, esta, o vestido (MAINGUENEAU, 2010, p. 30). Torna-se, portanto, subjetivo e problemático definir um conceito sobre o que o outro não é. Por isso a intenção aqui é desviar de discussões rasas ou até mesmo explicações simplistas que definam o erotismo como o sexo mais velado, artístico e sentimental, restando à pornografia o que houver de mais explícito, grotesco ou imoral.

Atenho-me agora a definir brevemente a categoria de análise escolhida por mim para explorar a obra de Sérgio Bonson: a obscenidade. A escolha de uma categoria em detrimento das outras duas se dá, sobretudo, a partir da sua relação com o/a locutário/a.



Para o linguista Dominique Maingueneau, a realidade comunicacional fundamental da obscenidade é a de um prazer partilhado por um grupo de pares. Para o linguista, o relato obsceno se diferencia do pornográfico e/ou erótico, pois, ao contrário do primeiro, estes últimos situam o/a autor/a como um "criador soberano", que divide seu mundo com um/a leitor/a cúmplice, mas que, porém, impõe certa inacessibilidade entre eles/as. Já os relatos obscenos colocam em cena três elementos, a saber, personagens, narrador/a e leitor/a. Todos/as os/as três são considerados/as membros/as de uma mesma comunidade e agem em cumplicidade nas narrativas ditas obscenas (Ibidem, p. 25).

Ainda no que se refere à distinção em relação ao discurso pornográfico e/ou erótico, Maingueneau aponta que a obscenidade é dirigida aos/as interlocutores/as, ao passo que a pornografia caminha em outra direção, uma vez que suprime os interlocutores e modifica as relações com o alocutário. Ao contrário da obscenidade, que busca suscitar o riso – o qual, segundo o autor, constitui um prazer substitutivo do gozo sexual –, a pornografia busca desencadear diretamente uma excitação sexual, o que tende a torná-la radicalmente séria (Ibidem, p. 30).

A justificativa para a escolha do termo obscenidade para analisar a linguagem presente na obra de Sérgio Bonson se pauta, sobretudo, no princípio de que o objetivo ou fim legítimo da presença da sexualidade nas HQ's do artista não é, necessariamente, a excitação ou o prazer sexual, mas sim a utilização da cumplicidade e da participação do/a leitor/a para atingir determinado objetivo, que, neste caso é suscitar o humor. Nesse sentido, compartilho da definição de obscenidade de Maingueneau,

A obscenidade é uma maneira imemorial e universal de dizer a sexualidade. Sua finalidade não é, em primeiro lugar, a representação precisa de atividades sexuais, mas sua evocação transgressiva em situações bem particulares. Ela se baseia em um patrimônio partilhado pelos membros de uma mesma comunidade cultural. (Ibidem, p.25).

As discussões sobre a obscenidade passam irremediavelmente pela construção de uma esfera social pública e privada. Partindo da etimologia da palavra obsceno, do latim “fora de cena”, é possível afirmar que a obscenidade foi construída levando em consideração o que se devia ou não estar fora de cena, em outras palavras, o que deveria ou não pertencer a uma esfera pública ou privada. Nesse sentido tudo que transgredisse a ordem não deveria fazer parte dos domínios do público, logo o obsceno foi se constituindo, especialmente, como símbolo de transgressão. Para Jorge Leite Junior o obsceno é algo que mostra o que deveria



esconder, “coloca ‘em cena’ algo que era para estar fora dela. A obscenidade é intrusa e traz consigo o perigo da ordem violada: é um ‘mau agouro’. É transgressiva (LEITE JUNIOR, 2006, p. 40).” A obscenidade por si só, clama a crítica e a transgressão ao passo que a própria história das imagens vinculadas a um sentido crítico-cômico, por si só, clamam a obscenidade.

As Personagens

1. Soiza

A primeira personagem a ser analisada, Soiza, faz referência a um político da época, o mesmo aparece sempre empenhado em ludibriar seus/uas ouvintes, na sua grande maioria, mulheres, para conseguir votos (PETRY, 2011, p. 131). A rádio de Soiza atende a um público das camadas populares, o que fica evidente nas constantes relações de barganha entre o radialista e a empregada doméstica Waldirene. O braço direito de Soiza é o seu cabo eleitoral Alaor, este, como não podia ser diferente é tão mulherengo e corruptível como o patrão e os dois estão sempre tramando a favor dos seus interesses.

Na maioria das HQ's de Soiza a obscenidade aparece como uma metáfora da política. O obsceno e o riso constituem maneiras eficazes de escracho e desse modo a personagem pode ser vista como um ataque à autoridade. Ao fazer referência a um político da época Bonson não ri apenas dele, mas também de muitos outros preocupados em conquistar e manter um cargo como o de Soiza. Além disso, a linguagem utilizada por Bonson se utiliza de estereótipos, uma utilização comum da linguagem dos Quadrinhos.

Abaixo seguem duas HQ's dentre tantas outras que demonstram a utilização da linguagem obscena relacionada à política.



Fonte: Tudo Pelo Soizial, p. 11.

A HQ traz como primeira cena, Almor falando em um telefone público da cidade, coberto pelo chamado “orelhão”. O telefone público é um objeto bastante comum a todos os centros urbanos e demonstra mais uma vez, o retrato da cidade feito por Bonson. Assim que Soiza atende ao telefonema, Almor, seu cabo eleitoral, numa linguagem bastante íntima e coloquial informa ao candidato que já conseguiu “5 votinhos” para Soiza. A fala de Almor continua no próximo quadrinho e ele vai citando o nome das cinco eleitoras exclusivamente do sexo feminino, uma delas, inclusive com adjetivos de suas características físicas especificando como são os seios da moça, provando que as intenções com as eleitoras não são apenas políticas, mas também e principalmente sexuais. Soiza recebe a informação com uma expressão de satisfação e no quadrinho seguinte Almor atenta para um possível “probleminha”, além das mulheres há também três homens interessados em votar em Soiza. O desfecho da história atesta que o cabo eleitoral de Soiza, Almor, é encarregado de conseguir, mais do que votos, mas parceiras sexuais para o político. O problema colocado por Almor é que Soiza teria de se envolver com os três homens. O cabo então termina perguntando para o político “Tás a fim?²” e a história termina sem a resposta de Soiza.

² É interessante notar a conjugação do verbo estar na frase de Almor. A conjugação “Tás” infere uma das características mais marcantes da identidade florianopolitana, o sotaque, também conhecido popularmente como manézinho ou mané.



Fonte: Tudo Pelo Soizial, p. 69.

“DING DONG” a primeira cena traz logo um ícone que representa o som de uma campainha; uma onomatopeia. Como ele está com uma prancheta na mão pode-se afirmar que o sonoplasta da rádio está encarregado de alguma pesquisa.

A participação é uma força poderosa em qualquer meio de comunicação. Há muito tempo, os cineastas perceberam a importância de deixar o público usar sua própria imaginação. Mas, enquanto o filme utiliza a imaginação da plateia ocasionalmente, os quadrinhos têm que fazer isso com frequência. Nas Histórias em Quadrinhos, a conclusão cria uma intimidade que só é superada pela palavra escrita, um pacto secreto entre o criador e o público. O modo como o criador honra esse pacto depende da sua arte e habilidade (McCLOUD, 2005, p. 69).

Ao tocar a campainha de uma porta fechada, Bonson possibilita ao seu leitor imaginar infinitas conexões com o que está por trás da porta, mesmo que os quadrinhos acima mostrem uma conexão bastante rápida entre a primeira e a segunda cena. A porta do apartamento número “24” se abre e Almor é surpreendido por uma moça que o saúda como “bonitão” e sem fazer mais nenhuma pergunta o convida para entrar. O balão que representa pensamento entre em cena e demonstra que Almor parece satisfeito com o convite utilizando a expressão: Opa! Choveu na minha horta!. E no quadrinho seguinte a moça que aparecia vestida aparece seminua tornando visível sua travestilidade. Ao se dar conta que se tratava de uma pessoa travestida, Almor recua rapidamente. A mensagem de movimento e velocidade com que o sonoplasta de Soiza recua é transmitida através do desenho, logo atrás das pernas de Almor aparecem linhas horizontais e uma pequena nuvem que representa genericamente a poeira levantada em virtude da rapidez com que ele se move. Ao recuar Almor diz: Sabia! Tava moleza demais. Baita perobão, meu!. A palavra perobão informalmente se refere a homens



homossexuais. A mulher, insatisfeita com a atitude de Alaor, enraivecida o chama de “preconceituosa!” “enrustida!”. Os dois últimos adjetivos aparecem propositalmente no feminino, pois associa a homossexualidade ao feminino e desta forma possibilita zombar, tanto da suposta homossexualidade da mulher travestida quanto do preconceito efetivado por Alaor.

É importante nos atermos aos signos presentes nos desenhos das narrativas sequenciais de Bonson. Ao numerar o apartamento com o número 24, Bonson, adianta a suposta orientação sexual da moradora do apartamento, fazendo referência a um número que é popularmente sinônimo e insinuação à homossexualidade masculina.

2. Henricão

Outra personagem que protagoniza as HQ's de Bonson, é o surfista Henricão. A figura evoca o estereótipo de um garoto de classe média irresponsável e mimado. O rapaz não gosta de estudar e aparece em constante conflito com a mãe – Dona Heloísa – e com a empregada doméstica de sua casa – Waldirene. O rapaz passa a maior parte do tempo na praia fazendo uso de drogas e tentando conquistar garotas. A sexualidade e o elemento obsceno nas histórias de Henricão são, sem dúvida, elemento chave e marcante na construção do humor. O fato de estar sempre envolvidos com mulheres faz com que a sexualidade seja evocada constantemente e a libertinagem é característica fundamental na constituição da personalidade da personagem.

Henricão é o símbolo maior da transgressão nas narrativas sequenciais de Bonson. O surfista representa, alegoricamente, toda uma geração de jovens que, a partir da década de 1970, visionavam um ideal de libertação através do sexo, das drogas e nesse caso também, do surfe. No entanto, a principal preocupação de Henricão é conquistar parceiras sexuais. O jovem está sempre empenhado em contar vantagem com sua galera. Além disso, encontra-se nos enredos de Henricão um tema que assombrou toda uma geração de jovens e pais na década de 1980: as DST's.



Fonte: Tudo Pelo Soizial, p. 25.

Na HQ acima, Henricão aparece com a sereia Marineide³. A primeira cena mostra os dois abraçados na praia e Henricão convida a sereia para beber uma “cerva” (expressão corriqueira utilizada para substituir a palavra cerveja) e logo afirma que deve ser longe da “crowd” expressão em inglês que equivaleria a “galera”. Com uma expressão ébria, transpassada pelas características dos seus olhos entreabertos, a sereia pergunta se tem Steinhager⁴.

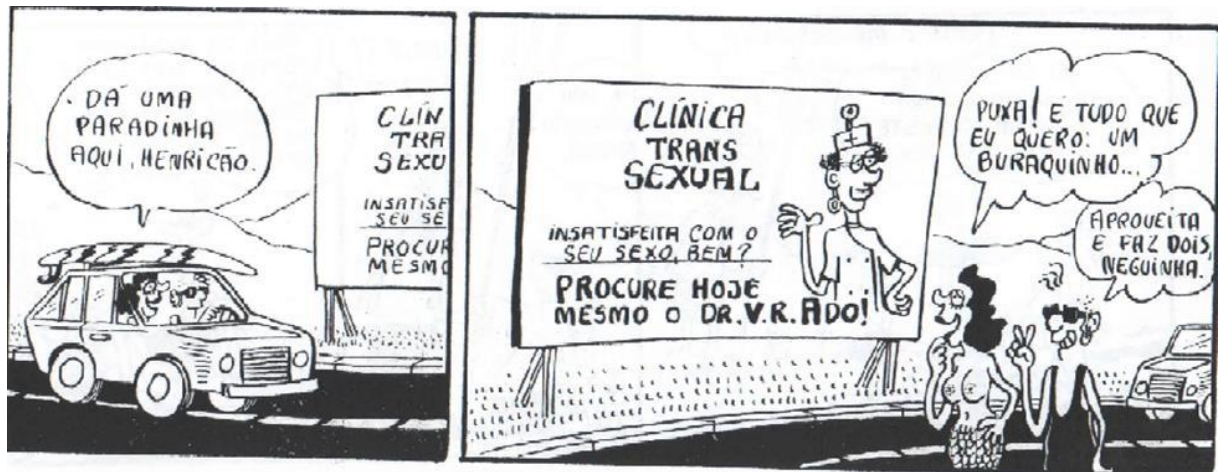
Na tira acima a referência às drogas não aparece apenas no texto, mas também na imagem. Além do olhar moribundo da sereia, o modo como ela segura o cigarro leva o/a leitor/a a associar à um cigarro de maconha. Como alternativa à escrita, o tema das drogas é abordado por Bonson imagetivamente, a qual reforça o argumento de partilha cultural com um público que comparte dos mesmos hábitos de sociabilidade.

Na cena seguinte aparecem, novamente, dois caras sentados perante uma mesa com bebidas e começam a debochar de Henricão por ele estar com uma sereia e não com uma mulher, um deles brinca dizendo para que Henricão tome cuidado, pois a moça é “virgem”. O fato da sereia não ter órgão sexual permite que Bonson faça alusão a várias temáticas no decorrer das histórias como veremos a seguir. Henricão responde a provocação utilizando palavras ofensivas em inglês e logo no quadrinho a seguir ele aparece perguntando à Marineide como é a vida sexual das sereias e ela bebendo responde que os bagres carregam o

³ Personagem recorrente nos enredos de Henricão, a qual aparece pela primeira vez em tirinhas anteriores, quando as duas personagens se encontram.

⁴ No sul do Brasil criou-se o hábito de beber uma bebida chamada “submarino” que consiste em colocar um copinho de Steinhager dentro de um chopp, esta bebida ganhou popularidade, especialmente nas capitais do sul do país, onde a colonização alemã teve bastante expressão.

óvulo das fêmeas na boca e com as sereias é parecido. A palavra “parecido” aí aparece em negrito e nos permite pensar que Bonson esteja fazendo uma brincadeira com o significado da palavra. Num contexto especificamente regional do litoral catarinense a palavra “ostra” é também conhecida como “parecido”, pois popularmente diz-se que o animal é “parecido” com o órgão sexual feminino. Bonson se utiliza do código compartilhado com o público florianopolitano, citado anteriormente. Além da brincadeira com a palavra “parecido”, Bonson introduz a temática do sexo oral que aparecerá outras vezes em suas HQ’s. A narrativa representada na tira acima termina com a personagem de Henricão confusa com a explicação de Marineide. A omissão de um desfecho cerrado dá inúmeras possibilidades ao leitor/a e este é um recurso recorrente no humor.



Fonte: Tudo Pelo Soizial, p. 28.

Como se vê, a figura acima apresenta um padrão estético diferente da maioria. Apesar de reinarem as HQ’s com padrão de três cenas, o autor, também produziu HQ’s com duas e até com uma só cena disposta na tira. A primeira imagem traz Henricão e Marineide passeando de carro ao mesmo tempo em que um outdoor vai entrando em cena. A sereia então olhando para o outdoor de dentro do carro pede para Henricão dar uma “paradinha”. Na cena seguinte, Bonson, nos fornece o outdoor por inteiro, permitindo que o leitor consiga ler o anúncio que diz: “Clínica Trans Sexual” e ao lado traz a imagem de uma figura com características andrógenas, vestida como médico ou médica. Logo abaixo do nome da clínica aparecem os dizeres: Insatisfeita com o seu sexo, bem? Procure hoje mesmo o Dr. V.R.ADO!. O nome do doutor sonoramente soa como Dr. Veado, palavra conhecida por designar pejorativamente homens homossexuais. O humor aí passa por uma visão bastante



estereotipada e depreciativa acerca da homossexualidade. O recurso da imagem na figura do médico junto do nome dado ao doutor são as ferramentas utilizadas para referenciar o assunto e fazer graça. É importante lembrar que estas eram piadas bastante comuns ao período no qual Bonson está produzindo. Piadas sexistas, misóginas, homofóbicas e com apelo sexual, estiveram bastante presente em produções de humor e entretenimento do contexto cultural da época.

Logo em frente ao outdoor aparecem Henricão e Marineide conversando a respeito do anúncio. Novamente fazendo referência ao fato de as sereias não terem órgão reprodutor, Marineide afirma satisfeita que tudo o que ela quer é um “buraquinho”. Henricão completa que a Sereia deve aproveitar a situação e já fazer “dois [buraquinhos]”, fazendo alusão não só ao sexo convencional, mas também ao sexo anal.

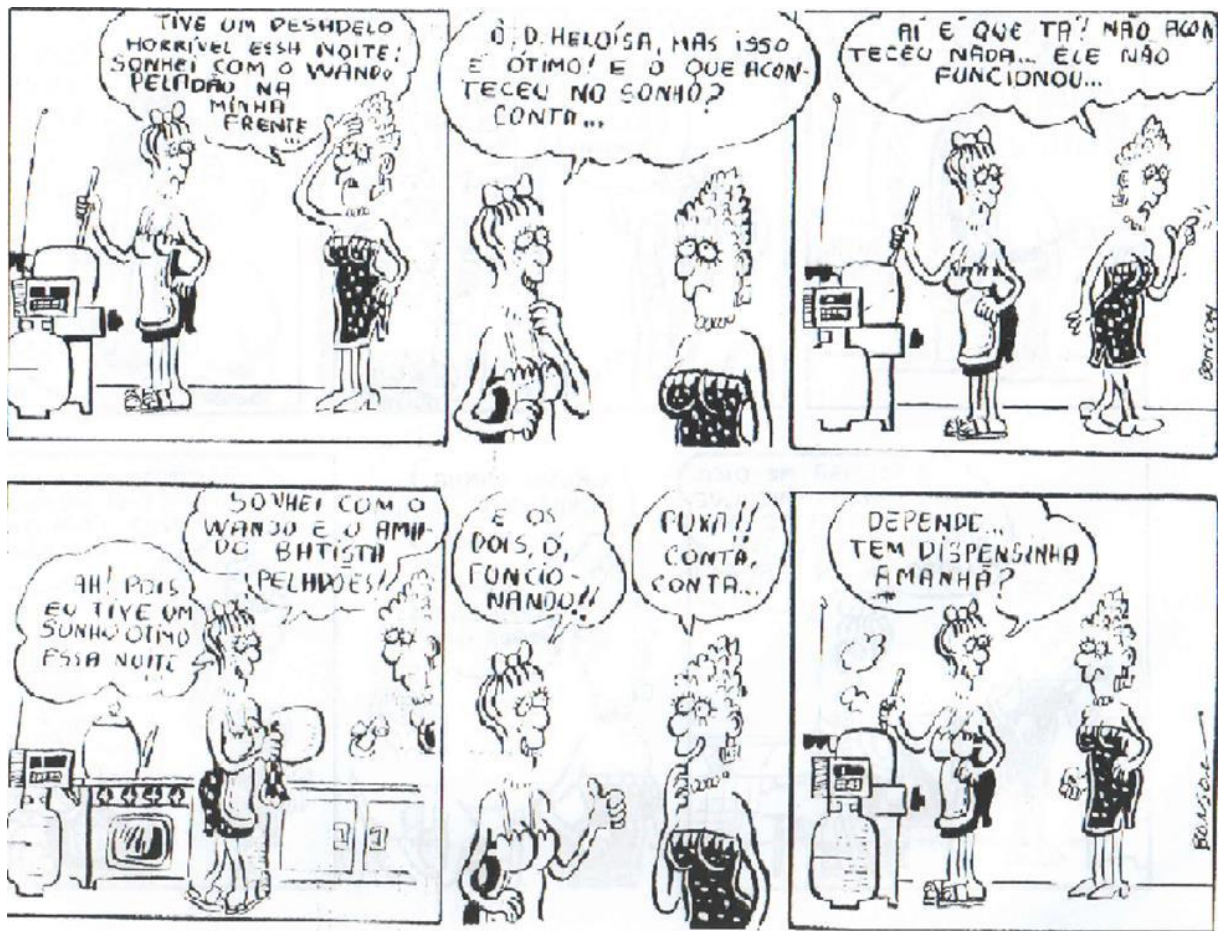
3. Waldirene

Waldirene é uma empregada doméstica que está em constante conflito com a patroa, Dona Heloísa, e o filho desta, o jovem Henricão. O contexto representado pelas três personagens demonstra as relações de trabalho e poder postas no ambiente privado da casa. A doméstica é majoritariamente representada na cozinha ouvindo o rádio sintonizado no programa de Soiza a qual está sempre tocando alguma música do chamado universo brega. A obscenidade adentra a vida da personagem que sabe o que quer e não mede palavras, pois não se sente envergonhada em manifestar seus desejos sexuais.

Nas HQ's de Waldirene não estão presentes apenas jogos sexuais. Demais temas aparecem sempre encobertos por um debate de classes e a obscenidade muitas vezes aparece como metáfora nas relações de trabalho. Os embates entre patroa e empregada são emblemáticos, pois pontuam situações cotidianas que poderiam ser vividas por muitas outras Waldirenes e Ds. Heloísas. É importante ressaltar que a obscenidade é um dos únicos elementos capazes de aproximar a empregada e a patroa enquanto mulheres, perpassadas pelos mesmos desejos e anseios. Ainda que D. Heloísa apareça tentando mascarar e esconder seus desejos carnis, enquanto Waldirene não mede esforços em escrachá-los.

Através de Waldirene, Bonson acaba representando uma classe cujo gosto é socialmente atacado como vulgar. Isso é perceptível na representação da adoração de cantores e músicas do dito universo brega⁵, destinados especialmente à mulheres. Nas HQ's de Bonson as mulheres têm tanto apetite sexual quanto os homens.

⁵ Existem várias definições acerca da música brega e mesmo admitindo existir um grupo de artistas e fãs que compartilham dessa cultura o que parece prevalecer entre os estudiosos do tema é a impossibilidade de se definir



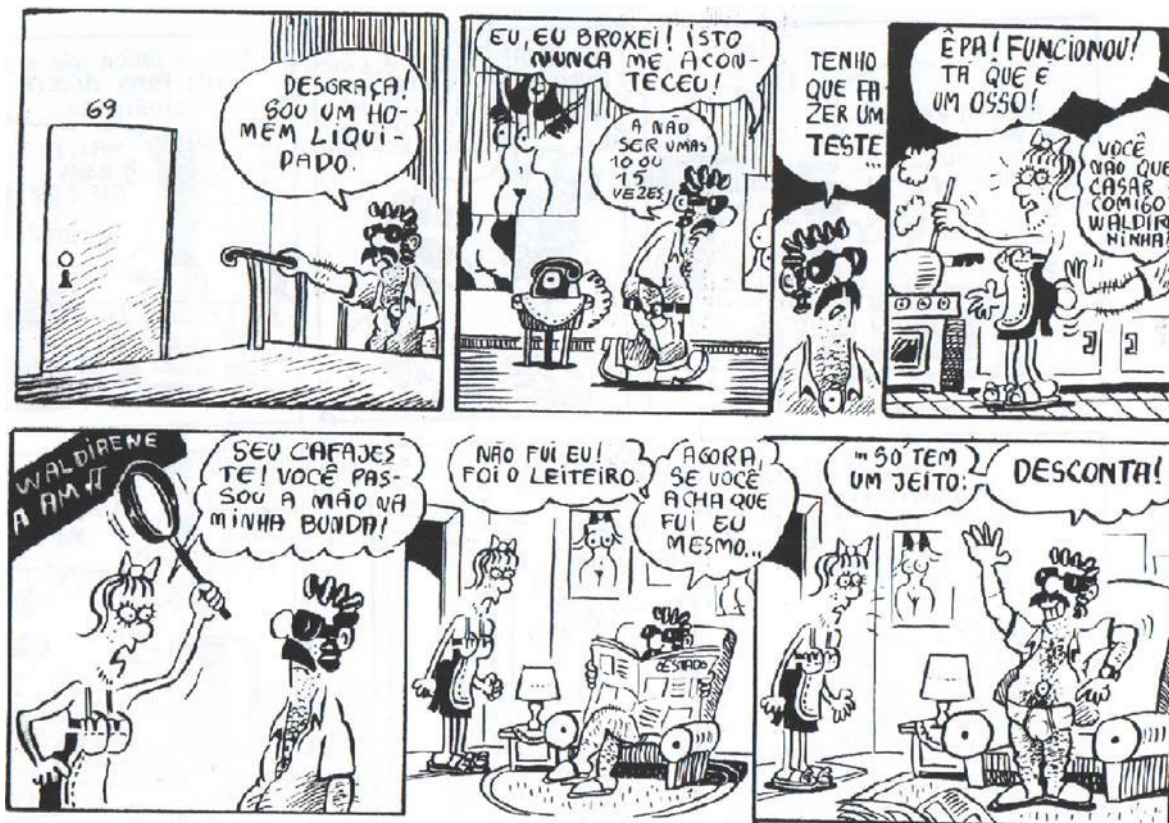
Fonte: Waldirene A AM, p. 8.

Apesar de serem duas HQ's independentes as narrativas acima se relacionam nos diálogos. Para facilitar o entendimento do/a leitor/a achei melhor elencar uma seguida da outra como se encontram no livro Waldirene A AM. No primeiro quadrinho D. Heloísa com uma feição estarrecida conta a empregada Waldirene que teve um pesadelo horrível, sonhou com o cantor Wando pelado em sua frente. Waldirene demonstrando interesse no sonho da patroa diz que, na verdade, o sonho era ótimo e pede que a patroa conte mais sobre. No último quadrinho D. Heloísa explica o motivo de ter classificado o sonho como um “pesadelo horrível”, pois mesmo com o cantor pelado em sua frente não aconteceu nada, uma vez que ele não “funcionou”. A palavra “funcionou” nesse quadrinho possui conotação sexual e “não funcionar” demonstra uma avaliação negativa no desempenho sexual do cantor. Aproveitando a deixa, Waldirene conta vantagem sobre a patroa e, em contrapartida, diz que teve um sonho

exatamente o que é o universo brega. Segundo o pesquisador Paulo César Araújo a música brega é parte de uma “vertente da música popular brasileira consumida pelo público de baixa renda, pouca escolaridade (2003, p.20)” esta definição, por hora, parece cumprir função esclarecedora para o universo de HQ's de Bonson.

ótimo, sonhou não só com o cantor Wando, mas também com o cantor Amado Batista, os dois nus. Antes que D. Heloísa fale algo a doméstica completa fazendo um sinal positivo com a mão ao mesmo tempo em que diz que os dois estavam funcionando. D. Heloísa demonstrando-se interessada pede que Waldirene conte mais e a empregada responde: Depende... Tem dispensinha amanhã?

Conhecendo a patroa que tem Waldirene aproveita-se para consolidar o poder de barganha nas relações de trabalho colocadas pela condição desigual das duas personagens através da obscenidade.



Fonte: Tudo Pelo Sozial, p. 37.

Esta sequência transmitida na figura acima, inicia com Almor chegando em casa e se lamentando. As referências ao universo sexual novamente se concretizam com a escolha do número “69”⁶ sobre a porta do seu apartamento. As lamentações da personagem são referentes ao seu desempenho sexual; Almor adentra sua casa com as paredes repletas de pôsteres de mulheres nuas, afirmando tristemente ter broxado e na sequência diz que isto

⁶ Expressão reconhecida no universo sexual que faz referência a uma posição sexual.



nunca acontecera a não ser umas 10 ou 15 vezes. Bonson utiliza a estratégia da quantidade de vezes que a personagem broxara para suscitar o humor na cena. Inconformado, o assistente de Soiza, diz que precisa testar seu desempenho e passa a mão na bunda de Waldirene que está trabalhando na cozinha da casa dele. A tirinha termina com a doméstica olhando assustada enquanto Alaor comenta satisfeito que teve uma ereção bem sucedida. Após perceber que “funcionou” com Waldirene, Alaor a pede em casamento.

A tira seguinte é continuação da primeira e inicia com a doméstica revoltada chamando Alaor de cafajeste, pois acabava de assediá-la. O homem dissimulado, diz que não foi ele e sim o leiteiro, mas continua dizendo que se Waldirene realmente acredita que foi ele só tem um jeito: então ele se levanta apenas de cueca e camisa e pede a ela que “desconte”. O elemento obsceno aí aparece como metáfora das relações de trabalho. A palavra “desconta” é utilizada com duplo sentido. Se a doméstica se sentiu injustiçada deveria descontar em serviços prestados ou, cobrando na mesma moeda, deveria tocá-lo também.

Considerações Finais

Analisar as HQ's é admitir a possibilidade de se trabalhar com fontes e lógicas não-convencionais de se criar narrativas sobre o tempo. As HQ's de Bonson reescrevem o momento e o local no qual foram criadas e veiculadas.

Os enredos de suas histórias atravessam o ambiente público do jornal e adentram as casas e as vidas daqueles que liam suas HQ's. Sua arte partilhava um universo de signos culturais, regionais e temporais, possivelmente capaz de despertar identificações individuais e coletivas entre seus/uas leitores/as.

Como dito, para compreender a produção do humor em Bonson é imprescindível considerar o código cultural compartilhado pelo autor e seus/uas leitores/as. As HQ's acionam o humor através de questões socioculturais evidentes no momento em que foram produzidas. Como destacaram Campos e Petry, as histórias em quadrinhos e charges são instrumentos de tradução cultural, uma vez que constroem narrativas singulares sobre a história constituindo campos de análise para as ciências humanas (CAMPOS e PETRY, 2009, p. 133). Neste caso ainda que o humor, nas HQ's de Bonson sobreviva ao tempo, é importante reiterar que elas foram construídas utilizando signos regionais e geracionais específicos.

Ao colocar a obscenidade em cena, Bonson, inclui um ingrediente comum a todos/as os/as leitores/as de suas HQ's, a saber, a sexualidade é tocante a todos/as. Quando a alia ao humor, o artista cria uma obra possivelmente transgressora, pois ri da moral. Se ao rir da



política Bonson pode desbançar a autoridade ao escancarar a obscenidade publicamente ele desbanca a moral e a proibição. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que pode ser perigosa é risível. O riso em Bonson pode ser encarado como o riso pornográfico que segundo definiu Jorge Leite Jr “ataca para se libertar das forças sociais que o oprimem (LEITE JUNIOR, 2006, p. 147).”

No caso dos três personagens a sexualidade é elemento determinante de suas respectivas personalidades. Ao analisar as HQ's protagonizadas por Soiza, Henricão e Waldirene vê-se que o obsceno é utilizado como um alicerce do humor. A obscenidade entra em cena para apimentar o cotidiano dos/as leitores/as do jornal e pode ser vista como um elemento impactante. Ainda que o obsceno não represente o objetivo final das HQ's de Bonson ele aparece como um recurso para impressionar o/a leitor/a e desta maneira despertar o humor; suscitar o riso. Na obra de Bonson a obscenidade é franca e a crítica é insinuada ao passo que as duas são sérias e ao mesmo tempo risíveis.

Seja em Soiza, Henricão ou Waldirene, na rádio, na cozinha ou na praia a obscenidade misturada ao humor na obra de Sérgio Bonson, demonstram situações de transgressão e transpõe os espaços em que moralmente deveriam se manter encerradas.

Referências

ARAUJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro, não**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARCAND, Bernard. **El jaguar y elsohormiguero: antropologia de la pornografía**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

CAMPOS, Emerson C. de; PETRY, Michele Bete. Histórias Desenhadas: Os usos das expressões gráficas de humor como fontes para a História. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n.17, p.117-135, 2009. Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art6_format_historiasdesenhadas_emer_miche.pdf> Acesso em: 01 Jul. 2017.

FINDLEN, Paula. Humanismo, Política e Pornografia no Renascimento Italiano. In: HUNT, Lynn (Org.). **A invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**. Tradutor: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.



LEITE, Jorge Jr. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento.** São Paulo: Annablume, 2006.

LYNN, Hunt (Org.). **A invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800.** Tradutor: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** São Paulo: Parábola, 2010.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

PETRY, Michele Bete. **Entre desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor: a cidade e o cotidiano de Florianópolis (sc) na obra de Sérgio Bonson.** 2011. 177f.
Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FONTES

BONSON, Sérgio. **Tudo Pelo Soizial.** Florianópolis: Papa-Livro, 1990.

_____. **Waldirene A AM.** Florianópolis: Edeme Ind. Gráfica, 1987.